

O ATO DA LEITURA NA OBRA DE JONATHAS SERRANO

ANDRÉ LUIZ PAULILO (UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL).

Resumo

O texto analisa o modo como Jonathas Serrano, educador carioca com intensa atividade nos anos 1910 e 1920, analisa as funções da leitura e o modo de ler no início do século XX. Para isso foram pesquisados dois manuscritos do autor localizados no acervo do Arquivo Nacional: "A arte da palavra" e os esboços do "Programa do curso de português". A partir deles proponho-me a tecer algumas reflexões acerca do ensino de leitura nas escolas cariocas das primeiras décadas do século passado. São dois os momentos da pesquisa. Inicialmente, o estudo da maneira como as funções e os modos sociais organizam o ensino escolar da leitura e, depois, os processos escolares pensados para efetivar uma determinada disciplina de expressão e compreensão no leitor. Tem-se, com isso, a preocupação voltada para uma história social da leitura. Como indicam as contribuições de Roger Chartier ao campo historiográfico, trata-se de pensar as relações entre a liberdade que possuem os leitores frente aos textos e os condicionantes que procuram detê-la. Nesse sentido, o texto reorganiza as preocupações de Jonathas Serrano acerca da leitura a partir de sua relação com os processos de educação do aluno. Para isso, o texto opera a partir de três subdivisões. A primeira procura dar conta da compreensão que Jonathas Serrano teve das práticas de leitura observadas no ambiente escolar e das proposições que apresenta para corrigir seus defeitos. Segue-se uma segunda parte na qual é dada ênfase particular às considerações sobre a leitura em voz alta, assunto minuciosamente discutido por Serrano em "A arte da palavra". E, finalmente, conclui-se com algumas considerações acerca do papel que o pensamento pedagógico desse autor desempenhou na articulação das estratégias de conformação da leitura ao contexto de sociabilidade da época.

Palavras-chave:

história da educação, ensino da leitura, processos educativos.

Daniel Milo chama a atenção para o *status* privilegiado que a escola ocupa na história da cultura: a formação e difusão de um cânon artístico. Sua análise passa em revista pelo poder cultural que tem a escola. Mais que sua natureza, ele indaga seus limites. Quase exclusivamente literária, a cultura escolar, para ele, deixa à margem a história de outros artistas, ou o estudo sistemático de pintores e compositores: "Michelângelo, Rembrandt, Mozart, Berlioz, Rodin, Chaplin, Eisenstein deveram sua glória a outras formas de difusão cultural" (Milo, 1986: 517)[1].

Sua reflexão sobre o poder e os processos de canonização cultural é um convite à história da própria cultura escolar. Entretanto, há nela um senão: nenhuma palavra quanto a aprendizagem da leitura. Aliás, grande parte dos problemas e das soluções escolares origina-se dos procedimentos de ensino e aprendizagem. No caso limite, pode-se dizer, para a escola moderna não basta ler, é preciso ler bem e fazer boas leituras (cf. Chartier, A-M, 1995: 20-21).

Essa perspectiva fica particularmente clara nas advertências de Roger Chartier (1990: 123) sobre o modo de estudar as práticas de leitura: "abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-las."

Para o caso escolar há um condicionamento específico: a autoridade do professor. É ela a responsável pelo ensino e avaliação da boa leitura, seus modos e conteúdos, sua disciplina. Daí a vantagem de reunir duas perspectivas para a análise de como a leitura deveria ser ensinada na sala de aula: o estudo da maneira como as suas funções e modos sociais organizam o seu ensino escolar e, por outro lado, os processos escolares pensados para efetivar uma determinada disciplina de expressão e compreensão no leitor.

Um momento particularmente importante desse capítulo da história da educação, no Brasil, encontra-se nas primeiras décadas do século XX. Em parte porque se trata de um período de intensa preocupação moral, e, sem dúvida, uma das formas de regeneração dos costumes era a educação dos hábitos de leitura (Vidal, 1998: 113). Por outro lado, porque se tem aí uma intensa discussão sobre as formas mais eficientes de se ensinar a ler e escrever. Nesse contexto, progressivamente, os conhecimentos encontrados nos livros deixam de ser oferecidos à memorização, para tornarem-se instrumentos de emulação da produção de novos saberes (cf. Vidal, 2000: 337).

Assim, nesse breve texto gostaria de esboçar um itinerário dos procedimentos de leitura valorizados na escola pública dos anos 1910 e 1920 a partir das reflexões que Jonathas Serrano, autoridade reconhecida nesse campo na época, teceu acerca dessas questões. Nesse sentido, pretendi apreender no percurso de vida desse educador os temas que tomaram sua atenção nesse período. Formado em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1907 interessou-se pelo estudo da leitura e seu ensino, Professor de História pelo Colégio D. Pedro II interessou-se pelas suas questões de ensino, mas, sobretudo, na década de 1940. Na década de 1920 foi absorvido na Diretoria da Escola Normal do Rio de Janeiro e, principalmente, na subdiretoria técnica do ensino onde se dedicou ao estudo das implicações do cinema na educação e à efetivação de seu uso nas escolas.

Pode-se observar que em grande parte dos trabalhos em que se envolveu e em todas as funções que exerceu a educação apresentava-se como o campo organizador de suas atividades profissionais. Assim, a sua produção sobre o tema da leitura foi apreendida, na perspectiva que adotei, a partir das representações que reteve dos procedimentos pedagógicos e, também, das contribuições que ofereceu para o desenho das suas práticas. Para tanto, a série que se compôs sugere um panorama bastante abrangente do pensamento pedagógico sobre o ensino da leitura em fins da década de 1910 e início da década de 1920.

Para percorrer o traçado que Jonathas Serrano desenvolveu para o estudo da leitura pesquisei os manuscritos de *A arte da palavra*[2], seguramente de 1914-15, e os esboços do *Programa do curso de português*[3], sem precisão de data, mas que pela ortografia mostra-se ser seguramente anterior a 1930. Trata-se de estudos que se articulam entre si enquanto reflexões sobre os métodos e estratégias de ensino da linguagem. Gostaria, aqui, de dizer algo sobre essas reflexões.

Modos e funções da leitura

O manuscrito de *A arte da palavra* pode ser lido em conjunto com o *Programa para o curso de português* no trabalho de descrição das formas nas quais o pensamento pedagógico de Jonathas Serrano apropriou-se dos métodos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, das diretrizes do ato de ler, das definições e funções do uso adequado de sua prática. Assim a identificação do problema subscreve-se na descrição das finalidades de modo complementar. Dessa maneira,

sendo "a leitura mal feita um dos fenômenos contemporâneos mais deploráveis, porque as suas conseqüências não se limitam apenas ao campo da literatura, mas estende-se a ordem científica, moral e religiosa e a todas as camadas do terreno social" (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl.01) os objetivos do *Programa do curso de português* perseverava para que os alunos aprendessem "a redigir corretamente e a entender perfeitamente o que se lê: isto é, saber ler e escrever a própria língua" (FJS: R-2, AP-55 caixa 2, SDP, fl. 01). O trabalho de determinação das representações organizadas pelo saber pedagógico ficava, nessa interseção, facilitado pela recorrência dos sentidos e dos esforços na direção do ensino das práticas e dos significados da leitura.

As preocupações de Jonathas Serrano iniciaram-se com as vantagens da leitura, sempre excelentes porque "dissipa as magoas; eleva o espírito; ensina a ortografia e a construção regular das frases; e antes de qualquer trabalho quando as idéias nos fogem, escora, por assim dizer, a imaginação" (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 02). Mas não só, também lhe parecia a "melhor maneira de corrigir os erros prosódicos, alguns inveterados e devidos ao ambiente familiar" (FJS: R-2, AP-55 caixa 2, SDP, FL. 02).

As vantagens cercavam o ato de leitura com as representações do espírito humano, das regras de aprendizagem e do ambiente familiar. Melhoramento moral, ensino e correção definiam os três campos de intervenção possibilitados pela prática da leitura em relação aos lugares de exercício da fala: o corpo, a escola e os círculos sociais. A relação se fez de modo complementar. As vantagens da leitura, para o espírito humano, só seriam conseguidos se efetuadas de modo ordenado e criterioso, aprendido na escola, e cujos prazeres podiam ser colhidos pela leitura em voz alta frente um auditório ou ao próprio círculo familiar.

Para dar conta dessas nuances das situações de leitura seguia-se toda uma tipologia de modos e funções da leitura. A leitura silenciosa, a leitura em voz alta para um auditório, a leitura em voz alta para si próprio, compunham estratégias de captura da eloqüência ou do sentido ou se se preferir da síntese necessária à expressão e da análise prescrita ao entendimento e à reflexão. Nesses espaços criados pela leitura a obra de educação desempenharia, sobretudo, um papel social de formação da ordem e do critério da leitura.

(...) a leitura desordenada e sem critério não acarreta somente perda de tempo, nem apenas vicia a inteligência e a vontade. Ainda que não leve ao crime, produz quase sempre uma conseqüência altamente ridícula e profundamente lamentável: o pedantismo das citações, a erudição superficial e ilusória, a fofa ciência de quem nada sabe e tudo leu mal. Contra essa mania do saber livresco, desacompanhado da observação que a corrija e complete, da observação que é fonte única e fecunda da verdadeira produção artística conjugam-se os esforços dos educadores inteligentes e cômicos da sua responsabilidade social (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 4).

Competia aos educadores, por tanto, a tarefa de intervir no ato da leitura. Reservavam-se à pedagogia mais que o simples papel de ensinar a ler, o educador responsável procuraria educar a leitura, isto é, dar critérios de observação e ordem aos resultados obtidos. Cumpria ao professor regular a leitura para que não houvesse desperdício de tempo ou sentido no trabalho de formação intelectual e moral do aluno. Tratava-se, sobretudo, de "corrigir as hesitações e deficiências ou pelo contrário podar as demasias do estilo ainda sem firmeza nem medida, mas sempre encaminhando a idéia" (FJS: R-2, AP-55 caixa 2, SDP, fl. 3).

O método pelo qual o professor intervinha, corrigia ou podava, deveria obedecer, segundo Jonathas Serrano, algumas interdições na passagem do plano pedagógico para a prática da sala de aula. Interdições observadas na estruturação da aula quando da escolha do assunto, da sugestão do estilo e do tratamento dispensado ao aluno.

Antes de qualquer outra coisa a escolha do assunto. Cumpre que os temas interessem de veras o aluno, e por isso devem ser próximos no tempo e no espaço, a princípio, e só mais tarde relativos a seres distantes ou remotos não diretamente observados. É de todo condenável habituar o aluno a despertar sobre o que não viu, nem conhece bem, ou só conhece através da observação indireta, e, portanto, muito enfraquecida, de outrem, num trecho lido.

É censurável a preocupação de impor ao aluno tal ou tal estilo, esta ou aquela maneira de encarar os assuntos. A professora sugere, estimula, corrige, anima, indica o bom caminho mas não se deve substituir ao próprio aluno. Este é uma individualidade ainda em formação, mas por isso mesmo digna de respeito (FJS: R-2, AP-55 caixa 2, SDP, fl. 3).

Trabalho de orientação que colocava no centro das suas preocupações a figura do aluno e organizava-se pela observância das prescrições do saber pedagógico. Na confluência das duas séries de restrições ao julgamento do professor - a capacidade do aluno e o respeito as regras da profissão - as estratégias dirigiram-se para as formas de entrada nos procedimentos usados por uma *individualidade em formação* a fim de, pelas maneiras de intervenção nos vícios, correção dos erros e mesmo formação dos hábitos, educar os modos por que se lia. Educar a leitura significaria, portanto, aproximar das crianças as ferramentas necessárias para o bom desempenho do pensamento na *ordem intelectual, social e moral*. Os meios para tanto somente a orientação educativa poderia dar.

A leitura em voz alta

A conjugação entre a preocupação com a emancipação do espírito humano, a atenção para com os modos da leitura e o uso de práticas corretivas do ato de ler determinava um funcionamento crítico do olhar para com quem lia. A leitura em voz alta, nesse sentido, foi apreendida, como um significativo instrumento de educação da mocidade uma vez que:

Saber ler em voz alta, não representa apenas a capacidade de impressionar num auditório numeroso e exigente, em conferência, discurso ou preleção. A leitura em família é prazer dos melhores, quando o leitor entende do ofício, mas prazer entre nós raríssimo, porque não há quem saiba dar expressão ao que diz (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 6).

Considerada como forma de sociabilidade, a leitura para o outro se apresentava como propriedade pessoal de capacidade não só intelectual, mas, mais importante, moral de apropriar-se de imagens, organizar gestos e percorrer estilos, respeitando sobremaneira o ouvinte em detrimento do próprio conforto do usufruto individual da idéia do texto. A leitura flexionada, sistemática, mas com ritmo, permitiria perceber a conjugação de esforços para conciliar a obediência das regras gramaticais e a criatividade de lhe expressar as sensações e sentimentos. O apuro no ato de ler em última medida expressava o esmero da educação recebida.

Tal olhar para com os modos de ler um texto incidia de forma conseqüente nas maneiras do professor ensinar a ler na escola. Nesse sentido, o texto de Jonathas Serrano trabalhou com imagens colhidas no próprio ambiente escolar:

A aversão ou indiferença que provoca a leitura do refeitório em certos estabelecimentos, aliás, ótimos de educação da mocidade, explica-se facilmente, dada a estranhável prática rotineira de exigir que tais leituras se façam numa toada hipnótica sem inflexões, sem relevo, sem atender, sequer às vezes ao ponto de interrogação ou de exclamação (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 6).

Segundo o autor o problema estava na própria forma como se exigia, na escola, que se fizesse a leitura. O que implicava dizer que os próprios métodos que a escola tinha de ensinar e praticar a leitura possuíam uma direção defeituosa que se necessitava corrigir. Nesse aspecto, esse texto, *A arte da palavra*, completava-se nas interdições previstas na descrição do *Programa para o curso de português*. No entanto, ultrapassava seus efeitos ao considerar os aspectos implicados numa leitura individual em voz alta.

Uma nova interseção de fatores sustenta as imagens trabalhadas por Serrano na investigação dos procedimentos necessários para corrigir os defeitos de expressão oral contidos na leitura em voz alta. Seriam ainda os fatores pedagógicos, mas desta vez em relação com os aspectos psicológicos da memória e biológicos da fisiologia da respiração. Coligadas essas dimensões da aprendizagem, da função e das propriedades da leitura individual sugeriam um deslocamento da atenção do educador das posturas sociais para as implicações que tinha a boa leitura para as articulações da inteligência.

A leitura e os processos educativos

O que se pôde reter desse novo espaço da discussão foram as formas pelas quais o pensamento educativo lidou com os procedimentos de memorização e raciocínio do indivíduo e seu papel na aprendizagem. Nesse mesmo sentido, as regras gramaticais e as funções fisiológicas foram apreendidas de modo relacionado tanto na compreensão dos ritmos implicados na leitura por meio do trabalho com os limites impostos pelo ato de respirar, quanto nas maneiras de intervir no controle da respiração pelo uso da pontuação.

A leitura em voz alta, portanto, justificava-se pelo exercício de habilidades mentais importantes para a aprendizagem. Mais especificamente, as facilidades que a memorização emprestava ao raciocínio podiam ser imputadas ao indivíduo pela leitura atenta, que retivesse de fato, no trabalho de expressão oral do texto escrito, ocupada não só a mente, mas diversos órgãos dos sentidos. Assim, as relações entre as funções intelectuais e as habilidades sensitivas adquiriram uma proximidade específica na compreensão das práticas de leitura não só pelas referências orgânicas que se estabeleceram dessa aproximação, bastante caro ao pensamento biologicista da época, mas principalmente pelas possibilidades abertas aos procedimentos pedagógicos de intervir de forma eficiente na aprendizagem. Identificado o conjunto de suportes pertinentes à constituição da leitura como uma área composta por fatores psicológicos, fisiológicos e sociais expandiam-se os espaços passíveis de intervenção pedagógica. Tratava-se aqui de lidar com variáveis que podiam ser facilmente equacionadas pela visão de conjunto proporcionada pelo saber pedagógico. Questão, pois, de distribuição de peças (memória, visão, audição, motricidade, eficiência) sobre o tabuleiro da pedagogia.

Embora a tendência moderna seja sobrecarregar o menos possível a memória para desenvolver o mais que puder o raciocínio, ainda assim, ninguém está isento da obrigação de decorar umas tantas coisas, em Geografia, História e etc... Ora é noção psicológica elementar que a memória é faculdade complexa e variável e apresenta diferentes tipos. Na realidade a tantas memórias especiais, quantos são os sentidos e órgãos. Daí a maior facilidade que temos de reter o que lemos em voz alta, pois exercitamos simultaneamente a memória visual, a auditiva e a motora (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 7).

Do mesmo modo a respiração, ou mais precisamente, as preocupações com o funcionamento orgânico das condições de expressão oral do texto escrito foram equacionadas a partir da disposição pedagógica das variáveis pelo quadro gramatical oferecido aos olhos de quem lia.

O primeiro cuidado, portanto, de um bom mestre deve ser exercitar os discípulos na arte, aparentemente insignificante, mas na verdade importantíssima da respiração durante a leitura. Os meninos, desde que já não precisam de soletrar, imaginam que ler bem é ler depressa, pulando vírgulas, saltando pontos como um ginete fogoso em corridas com obstáculos. Cumpre exigir deles que leiam devagar, observando as diferentes pausas, umas rápidas, quais as vírgulas; outras já não demoradas, no ponto e vírgula; outras, enfim, plena, no ponto final. Há mister ainda ensinar-lhes que se pode dar freqüentemente o caso de prover pausa onde não havia sequer vírgula (FJS: R-2, AP-55 caixa 15, SDP, fl. 8).

O primado na organização das estratégias de conformação da leitura foi conferido à pedagogia. O exercício, a interferência, o ensino indicavam não só a incumbência ou os procedimentos do mestre para com o aluno, mas, sobretudo, indicavam a maneira como o pensamento seria organizado no momento de modificar a conduta do indivíduo para com o texto que devia expressar. O que se construiu em relação ao ato de leitura foram práticas que ao final da aprendizagem traçavam as formas válidas de compreender um texto e, também a maneira de expressá-lo convenientemente. Apontavam também um momento de penetração da escrita num universo demarcado ainda pela oralidade. Pensava-se ainda como apreender a atenção de ouvintes num ambiente familiar que, culto ou inculto, seria capturado pelo entusiasmo infantil que aprendia as primeiras letras, como também se preocupava em divulgar a necessidade de ler bem para cativar a audiência que se queria informar, convencer ou ainda cativar.

Referências

CHARTIER, Anne-Marie. "Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia." *Revista brasileira de Educação*. n.º 0, set./out./nov./dez. 1995, p. 17-52.

CHARTIER, Roger. *História cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HEBRARD, Jean; CHARTIER, Anne-Marie. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995.

MILO, Daniel. "Les classiques scolaires." In.: NORA, Pierre (org.) *Les lieux de mémoire*. La nation, III. Paris: Gallimard, 1986. p. 515-557.

SERRANO, Jonathas. *A arte da palavra*. Arquivo Nacional: Fundo Jonathas Serrano, R-2, AP-55 caixa 15, SDP.

_____. *Programa do curso de português*. Arquivo Nacional: Fundo Jonathas Serrano, R-2, AP-55 caixa 2, SDP.

VIDAL, Diana Gonçalves. "Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930." FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte, Autentica, 1998. p. 87-116.

_____. "Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil." In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: ALB; Mercado das Letras. São Paulo: Fapesp, 2000. p. 335-355.

[1] MILO, Daniel. In.: "Les classiques scolaires." NORA, Pierre (org.) *Les lieux de mémoire*. La nation, III. Paris: Gallimard, 1986. p. 517. Textualmente: "*la culture scolaire était, et elle est toujours, presque exclusivement littéraire. On dessinait à l'école, on y jouait de la musique, on y montait des pièces de théâtre, et cela depuis l'Antiquité. Mais on y chescherait en vain l'histoire des autres arts, ou l'étude systématique des peintres, des compositeurs.*"

[2]Arquivo Nacional: Fundo Jonathas Serrano, R-2, AP-55 caixa 15, SDP.

[3]Arquivo Nacional: Fundo Jonathas Serrano, R-2, AP-55 caixa 2, SDP.